

Nos primeiros tempos depois da morte da mãe, cá em casa não se podia rir, correr, ver televisão ou mesmo comer. Estávamos obrigados, pela omnipresente tristeza do pai que não saía do quarto, da cama, encharcando almofadas até dormir sobre um lago de lágrimas a sofrer num registo de penitência, de cilício à volta da anca, até ficarmos todos e em simultâneo muito magros e mal-encarados e sermos incapazes de fazer as coisas da escola, porque o cérebro, aflito de combustível, já só dava conta dos processos básicos pelos quais as pessoas mantêm a vida, o que não é, de todo, o caso da educação. Quando o meu irmão de treze anos desmaiou no pátio, alguém, no conselho directivo, deduziu acertadamente ser hora de intervir num luto que, de prolongado, ameaçava proliferar, fazendo outras vítimas. Os professores de Física e de Religião e Moral vieram cá a casa e o meu pai, levantando-se a muito custo da cama a primeira reacção foi despedi-los com a ponta dos dedos, não quero ver ninguém, sussurrava por detrás de uma almofada que o protegia da luz parda do candeeiro recebeu-os à porta, desgrenhado e sujo, as pálpebras tombadas num desânimo de halterofilistas que nunca chegam a passar do meio do arremesso, as calças de pijama presas pelas tenazes dos dedos a tentarem continuamente sair-lhe do corpo, de escanzelado que estava, e a voz o meu pai tinha uma voz que me fazia estremecer de alegria por dentro, assim como o fazia o cheiro a cerveja no hálito dele quando me dava um beijinho rudimentar de boas noites ou o odor a cigarro nas pontas dos seus dedos quando estes me alisavam a bochecha vincada de um sorriso a rastejar sem energia a subida olímpica pela traqueia, cuja função, nos últimos dias, era apenas a de se ocupar de ver distribuída a saliva que acompanhava em baixo registo a produção contínua de lágrimas: posso ajudá-los?

*In "Á medida que fomos recuperando a mãe", do livro DA FAMÍLIA de Valério Romão*